

ARTIGOS

Adriana Maria de Souza Zierer¹

A cura do corpo e da alma numa jornada ao paraíso e inferno na obra *Visão de Túndalo*

The healing of body and soul in a journey through heaven and hell in the *Vision of Tnugdali*



RESUMO:


Este artigo procura analisar a relação da saúde do corpo e da alma no Medievo. O corpo, em virtude de ter tendência a cometer os sete pecados capitais, é visto como causador da doença da alma. Neste sentido, era necessário realizar uma série de ações indicadas pela Igreja para manter a saúde do corpo e da alma por meio de ida a missas, orações, confissão, penitência, doações, entre outras. São fornecidos alguns exemplos dessas ações relacionadas a pessoas importantes do reino luso entre os séculos XIV e XV, como D. Filipa, D. João I, D. Duarte. Além disso, é analisado o único manuscrito iluminado da obra *Visio Tnugdali*, chamado *Les Visions du Chevalier Tondal* (1475), encomendado por uma duquesa muito devota, Margaret de York. Esta obra, que teve grande circulação nas Idades Média e Moderna, trata de um cavaleiro pecador que devido aos seus pecados passa por uma experiência de quase-morte e sai do corpo, sendo acompanhado por seu anjo da guarda. Após experimentar os tormentos infernais e se arrepender, a sua alma é curada e ele pede a hóstia, o que indica a cura do corpo e da alma e a sua transformação em modelo de cristão.

Palavras-chave: Corpo e alma; Saúde; Salvação; *Visão de Túndalo*

ABSTRACT:

This paper seeks to analyze the relationship between the health of the body and soul in the Medieval period. The body, due to its tendency to commit the seven deadly sins, is seen as causing the illness of the soul. In this sense, it was necessary to carry out a series of actions recommended by the Church to maintain the health of the body and soul through going to masses, prayers, confession, penance, donations, among others. Some examples of these actions related to important people from the Portuguese kingdom between the 14th and 15th centuries are provided, such as D. Filipa, D. João I, D. Duarte. Furthermore, the only illuminated manuscript of the work *Visio Tnugdali*, called *Les Visions du Chevalier Tondal* (1475), commissioned by a very devout duchess, Margaret of York, is analyzed. This work, which had wide circulation in the Middle and Modern Ages, deals with a sinful knight who, due to his sins, goes through a near-death experience and leaves his body, being accompanied by his guardian angel. After experiencing hellish torments and repenting, his soul is healed and he asks for the host, which indicates the healing of body and soul and his transformation into a Christian model.

Keywords: Body and soul; Health; Salvation; *Vision of Tnugdali*

¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil. lcdallier@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-5545-5123>

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a relação da doença no Medievo com o corpo e a alma do ser humano, portanto, a relação de um aspecto físico, a moléstia, com as instâncias corporais e espirituais dos cristãos. A fonte para a compreensão deste fenômeno é a *Visio Tnugdali* (Visão de Túndalo), uma viagem imaginária aos espaços infernais e paradisíacos do século XII, mas com grande circulação nos idiomas vernáculos nos séculos XIV e XV, como será observado oportunamente. A análise se volta a um manuscrito português do relato nesse período e também ao único manuscrito totalmente iluminado da obra, de origem francesa, produzido em 1475.

Para mostrar a relação entre corpo e alma, faremos referência não somente às versões mencionadas, como também às atitudes de algumas figuras ilustres tanto de Portugal (a rainha D. Filipa de Lencastre, seu filho D. Duarte e o condestável D. Nuno), quanto Margaret de York, de origem inglesa e duquesa de Borgonha, a qual encomendou o manuscrito iluminado da *Visão de Túndalo*. A menção a esses personagens históricos se deve ao fato de que possuíam postura piedosa e no nosso ponto de vista, buscavam estabelecer uma relação harmoniosa entre corpo e alma, dentro da perspectiva cristã, visando obter a sua salvação após a morte.

No Medievo a doença é vista como um problema relacionado à saúde da alma. Neste período, corpo e alma são entendidos como elementos complementares. O corpo é material e a alma eterna e imaterial, porém a salvação da alma está diretamente associada com aquilo que o indivíduo fez com seu corpo durante a sua estadia na terra. O mundo é visto pelos *oratores* como um lugar de passagem, havendo desprezo pelo plano terreno (*contemptus mundi*) e todo ser humano, segundo a concepção clerical, é um *homo viator*, peregrino neste local, devendo, após uma breve passagem, voltar ao seio do Pai para o mundo celeste (Le Goff, 1989). Outro elemento a ser salientado é que o século é visto como uma cópia imperfeita (microcosmos) do mundo celestial (macrocosmos) para onde todo o ser humano deve voltar, se não for um pecador (Gurevitch, 1990).

Para atingir o Paraíso no Além e ficar próximo de Deus, dos anjos e santos, os indivíduos devem se preocupar, portanto, com a saúde do corpo, evitando os sete pecados capitais (avareza, gula, luxúria, preguiça, inveja, ira, soberba), normalmente realizados pelo corporal. Ao cometê-los, ocorre um *ençuyamento* da alma, nas palavras do *Orto do Esposo*, obra de espiritualidade monástica produzida em Portugal na Baixa Idade Média, no mosteiro de Alcobaça. Esse *ençuyamento* está relacionado principalmente com o pecado da luxúria.

Segundo a concepção cristã, o ser humano já nasce contaminado com o Pecado Original, cometido por Adão e Eva, ao serem tentados pela serpente e comido o fruto da Árvore do Bem e do Mal, momento no qual foram expulsos do Éden, pelo Criador. A humanidade só foi redimida dessa falta devido ao sacrifício de Cristo na Cruz. Por isso, os indivíduos já nascem com a tendência a pecar, sendo necessário o Batismo, primeiro sacramento para obter a purificação.

Ao longo da vida, de acordo com essa concepção, os humanos devem seguir os ordenamentos da Igreja, indo às missas, recebendo os sacramentos, fazendo as confissões e penitências. Nesse sentido, os clérigos produziram uma série de escritos com o propósito da salvação. Outras formas de evangelização foram os sermões, orações, peças teatrais, *exempla* e também relatos sobre viagens imaginárias ao Além. Os reis também se ocuparam em dar indicações aos súditos para a saúde do corpo e da alma, como, por exemplo, o caso de D. Duarte, da Dinastia de Avis, com a sua obra, o *Leal Conselheiro*.

A CURA DO CORPO E DA ALMA DO CRISTÃO: ALGUNS ELEMENTOS

Antes de falar mais detalhadamente sobre a *Visão de Túndalo* e seus elementos na cura do corpo e da alma, é importante tratar, mais um

pouco acerca da temática da doença e saúde no Medievo.

Neste sentido, cuidar dos pobres era visto como porta de entrada dos vivos no Céu (Mollat, 1989; Tavares, 1989; Schmitt, 2014). Os primeiros membros da dinastia de Avis, realizavam uma série de práticas caritativas, visando atingir o Paraíso. Dessa forma, “a esmola régia e de personagens da família real torna-se um forte meio de solidariedade espiritual entre vivos e mortos da mesma linhagem – inserindo-se também na escolha de determinadas igrejas e mosteiros para a realização de ofícios fúnebres” (Ventura, 2013, p. 112-113).

A caridade é louvada nos escritos dos Príncipes de Avis. D. Pedro, filho de D. João I, assegurava que essa prática era um meio de obter o perdão de Deus e D. Duarte afirmou que a esmola poderia “afogar” os pecados, assim como a água apaga o fogo (Ventura, 2013, p. 111).

No período da Peste em Portugal, os testamentos mostram de forma clara o medo do destino após a morte. Mencionam os espaços do Além: Paraíso, Inferno e Purgatório, fazendo referência à preocupação com a saúde mental da alma, ao temor de Deus e ao uso do hábito franciscano como mortalha para a purificação dos pecados. Quanto aos pedidos de intercessão pela alma, apelava-se à Virgem, aos Santos e aos anjos no momento do último suspiro.

A Igreja Romana tinha papel fundamental na

condução do cristãos à salvação: “Porque desejava ser a mediadora obrigatória da conversão, a Igreja via-se como a única apta a oferecer uma cura verdadeira, total, do corpo e da alma” (Schmitt, 2014, p. 292). A instituição se apresentava também como a esposa ou o corpo do Cristo-médico. Daí também a relevância da confissão, vista por pregadores como Burchard de Worms como a “medicina da alma” (Schmitt, 2014, p. 293); por isso, o grande valor para o período medieval da extrema unção aos moribundos, visando evitar que o Diabo pudesse levar a alma ao Inferno.

Ressalte-se que nos livros que circularam sobre a morte e referentes a *Ars Moriendi* (Arte do Bem Morrer), muitos populares na época, na versão mais curta, voltada aos leigos, o texto e dez gravuras representando de um lado as tentações ao moribundo e de outro o consolo e a esperança de salvação. Assim, nas gravuras vemos deitado um moribundo e o verdadeiro combate entre anjos e demônios pela alma do doente. Este se encontrava no centro da cena, como numa peça teatral, da qual era protagonista, acompanhado por seus parentes, amigos e religiosos. Ele deveria ser forte e evitar cair nas tentações do Inimigo, representado por diabos, que colocavam em dúvida a sua possibilidade de salvação. Mas com o apoio dos familiares, de Deus e dos santos e religiosos, o doente conseguiria ultrapassar as dificuldades para conseguir um bom lugar no Além. Por isso, a

importância das orações, sacramentos e da confissão para assegurar a saúde da alma ainda que o corpo estivesse doente. Para os cristãos, importava mais a vida depois da morte, perto de Deus, do que no século, repleto por tentações e pecados.

D. Duarte se ocupa no *Leal Conselheiro*, obra edificante que compôs, a pedido da esposa, a rainha Leonor de Aragão, em explicar os motivos da melancolia, e a necessidade de cuidar da saúde contra esse mal, que ele mesmo teve e do qual conseguiu se curar sozinho. Os historiadores da atualidade como Duarte (2005), Santos (2011) e Ventura (2013) chamam a doença que o acometeu de depressão. Já o próprio D. Duarte, no *Leal Conselheiro* a nomeou de “humor menencorico” (cap. XIX, p. 275-279), caracterizado por ele como tristeza e falta de vontade de fazer coisas que lhe davam prazer, como cavalgar e caçar. De acordo com o monarca: “E se com fé e consciência me queria confortar [...] o demudamento da tristeza muito era torvado, assim que a todo mal da alma e do corpo me derrubava” (cap. XIX, p. 274).

O seu papel como aconselhador dos cristãos de sua época era relevante na medida em que segundo o pensamento medieval, na tradição de Jean de Salisbury, com o *Policraticus*, ou de Santo Tomas de Aquino em *De Regno*, o monarca era a cabeça ou o coração do seu povo. Neste sentido, ocupava um lugar em analogia com Deus no universo, indicando os melhores caminhos para que

seus súditos atingissem a salvação (Silva, 2007).

O monarca indica, tanto ações voltadas à saúde física (boa alimentação, dormir bem, praticar a recreação), quanto à espiritual. Ele conta nessa obra como se livrou da doença, que o acometeu quando se ocupou de muitas tarefas ainda na época do governo de seu pai, D. João. Tendo muitas preocupações e sem tempo para o lazer, adquiriu a enfermidade, a qual durou três anos (1413-1416)¹. Ele deplorou indicações dos físicos, como tomar vinho aguado ou se encontrar com a esposa e preferiu orar à Virgem, uma vez que a paixão poderia cegá-lo e leva-lo para o mal (Saraiva, 1988).

Ao se manter ocupado, no entanto, cuidando da mãe D. Filipa², acometida pela peste (da qual faleceu em 1415), e através da ida a missas, leituras dos Padres da Igreja e outras ações cristãs, conseguiu o retorno da saúde. Dessa forma, recomendava no *Leal Conselheiro* a necessidade da realização de atividades visando o bem-estar corporal e mental dos indivíduos.

O dever do médico antes de iniciar o tratamento era saber se o doente havia se confessado e as enfermidades eram vistas como resultado de castigos divinos e provações (Silva, 2021, p. 68). Com relação à peste, as fontes afirmavam que “grande remédio em tempo da pestilência a santa penitência e a confissão, as quais precedem e são muito melhores que todas as mezinhas” (Marques,

1981, p. 94).

Na obra na obra *Ystoria de morbo siue mortalitate que fuit anno domini MCCCXLVIII* (História da doença, ou antes mortandade, que ocorreu no ano do Senhor de 1348), texto latino do século XIV, atribuído a Gabriele de Mussis (†1356), notário de Piacenza, “Deus se confunde ali com a figura do médico – neste caso, celeste –, a quem é atribuído o poder único de cura”, na verdade seria o *celestis medicus* (Henschel, 1842, p. 57; Ms R 262, fol. 77v)” (Nápoli; Scatolin, 2016, p. 181). Este é mais um dos escritos para nos explicar a relação da doença com os pecados humanos e o papel de Deus como curador.

A Peste é vista como castigo divino às faltas humanas, sob a pena do cronista Gabriele de Mussis na obra *Ystoria de morbo*, conforme pode ser observado a seguir:

Terra, o que se passa? Prisioneira destas turbas de infelizes, maculada pela sordidez destes **pecadores**, estás totalmente incapacitada? O que se passa? Por que, **banhada de sangue humano**, não demandas a vingança? Por que suportas os meus oponentes e adversários? **Germinada a luxúria**, já deverias ter sufocado meus inimigos. **Prepara-te, para que possas levar a cabo a vingança!**”. E a Terra [respondeu]: “Eu, a Terra, criada por ordem tua, posto que ordenas, abrirei minhas veias e engolirei incontáveis crimi-

nosos.” (Nápoli; Scatolin, 2016, p. 183) (grifos nossos)

É possível perceber no escrito que a Terra é tomada por uma série de pecados, como as guerras, que levam ao derramamento do “sangue humano”, bem como, outro pecado seria a luxúria. Daí Deus enviar uma doença como provação e punição aos indivíduos. A Peste levou com certeza a uma reflexão sobre os lugares do Além de que trata tão pormenorizadamente a *Visão de Túndalo*. Os testamentos em Portugal mencionam os espaços do Paraíso, Inferno e Purgatório e os pedidos pela intercessão da alma através da Virgem, dos santos e dos anjos no momento do último suspiro. O *Livro Sinodal de Gonzalo de Alba* (1410, Salamanca), por exemplo, apresenta os cinco lugares do destino da alma: o Paraíso dos santos, os dois Limbos (dos que viveram antes de Cristo e das crianças não batizadas)³, o Purgatório e o Inferno (Bastos, 1996, p. 113).

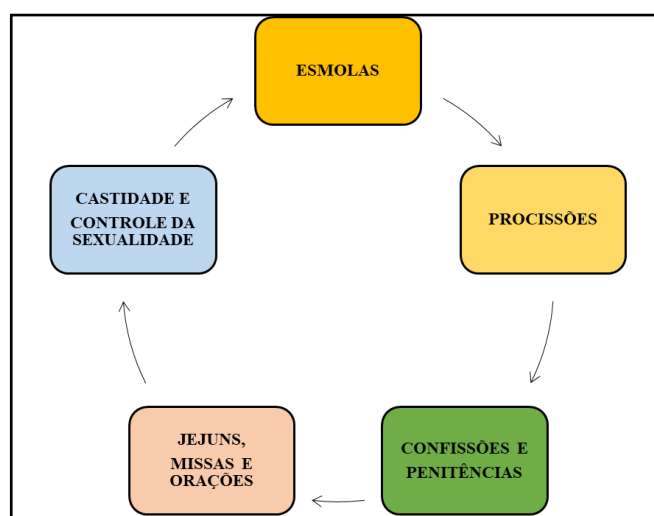
No reino luso, o medo de os nascituros irem para o Limbo e o desejo de evitar isso fizeram com que todas as crianças, no oitavo dia de nascimento, fossem batizadas, por uma média de três padrinhos: dois homens e uma mulher, se a criança fosse do sexo masculino; e duas mulheres e um homem, caso se tratasse de uma menina (Marques, 1981).

Outro elemento característico desse

período é a mudança nos testamentos em Portugal. Se antes a preocupação era valorizar a memória dos antepassados, com o advento da Peste ocorre um redirecionamento das orações em busca da salvação da alma, buscando evitar os locais infernais e a diminuição do tempo de permanência no Purgatório. Nas fórmulas testamentárias, começam a aparecer expressões como, “*por saúde e salvação de sua alma fez e ordenou seu testamento*”, além de serem mandadas rezar missas àqueles que o fiel havia prejudicado em vida. O cavaleiro Gil Martins, por exemplo, pede: “que deem dez maravedis por almas daqueles que eu matei e mandei matar e fiz matar e aconselhei matar e andei a matar”(Pina, 1996, p. 133).

A seguir, podemos categorizar algumas ações visando garantir a saúde da alma:

Figura 1 – Ações Devotas para garantir a saúde da alma



Fonte: Autora (2024)

É possível observar na Figura 1 que as ações voltadas à salvação da alma e ao afastamento do mal estão relacionadas às ações indicadas pela Igreja, que recomendava as confissões, seguidas das penitências para obter o perdão dos pecados. Por exemplo, um dia de pão e água, equivaleriam quarenta salmos rezados de joelhos, acompanhados da caridade de alimentar um pobre e os votos de romaria poderiam ser remidos por esmolas, mediante a autorização do bispo (Marques, 1981).

Além disso, também eram indicadas as orações, idas às missas, o exercício da sexualidade voltada somente para a procriação e durante o casamento, além das ações caritativas, como fazer esmolas e doações e a participação das pessoas em procissões. As esmolas atendiam as necessidades dos pobres, auxiliando os ricos a atingirem o Céu, como já mencionado na Introdução deste trabalho. Sobre a caridade em Portugal nessa conjuntura:

Entre as virtudes de D. Filipa ou de D. Nuno Álvares Pereira, cristãos modelo, contam-se a generosidade na distribuição de esmolas. Lembramos que Fernão Lopes testemunha o cuidado da rainha-mãe com os “pobres e mynguados, fazendo largas esmollas a egrejas e moesteiros”. Quanto a D. Nuno, a sua caridosa esmola estendia-se a todos, mesmo súbditos castelhanos a quem as vicissitudes da guerra, por ele

conduzida, tinham condenado à fome (Ventura, 2013, p. 112).

Conforme é possível observar no excerto, o ato de praticar esmolas era uma característica cristã importante, realizada por membros da família real, como D. Filipa e também pelo nobre D. Nuno. D. Duarte era igualmente considerado caridoso e fazia doações em determinadas celebrações religiosas.

Outra forma de exercer a caridade por parte dos fiéis é que construíam hospitais e albergarias para dar socorro aos pobres e doentes. Também ocorriam doações a igrejas e mosteiros, inclusive por parte dos monarcas. No caso do rei D. Duarte, por exemplo, fundou dois hospitais anexos a mosteiros de franciscanos observantes, em Santa Maria das Virtudes e no Cabo de São Vicente (Ventura, 2013, p. 113).

Portanto, alguns dos personagens históricos aqui citados realizaram essas ações, como, por exemplo, D. Filipa de Lancastre, esposa de D. João e apresentada pelo cronista Fernão Lopes como modelo de cristã, que passava os seus dias na igreja e fazia regularmente jejuns e penitências. Além dela, a duquesa Margaret de York, que encomendou uma versão iluminada da *Visão de Tundalo*, também era uma boa cristã com preocupação em fazer doações a ordens religiosas, além de ter concedido bolsas de estudos para es-

tudantes pobres (Blockmans, 1992).

O rei D. João I, protagonista da assim conhecida “Revolução” de Avis, ao vencer o exército castelhano realizou várias procissões em honra da Virgem Maria, além de ser considerado também um bom cristão. Ele, D. Duarte, seu filho e também o nobre Nuno Álvares Pereira⁴, como já citado.

Um elemento também bastante ressaltado no período da Peste era a crença na possessão demoníaca não somente dos doentes, como também de outros seres humanos. No governo do rei Afonso V (1438-1481) um cavaleiro do rei alega estar possesso do diabo, motivo pelo qual requer a aposentadoria e é atendido. O estudo de Baquero Moreno de livros de visitação medievais permitiu a descoberta de um desses casos. Nele, o cavaleiro Gil Martins, da cidade de Évora solicita ao monarca a isenção do serviço militar e a aposentadoria (Moreno, 1990, p. 72-75).

Na Chancelaria de Afonso V é possível encontrar o documento que descreve a situação do cavaleiro e a ação do rei. De acordo com a fonte:

“Ssabede que Gil Martjns, acontiado em caualo rasso [...] nos dise que **como elle he adorado o demonjo que mujtas uezes o toma e da com elle no ffogo e sse faz mujtas uezes hũu mês que o nom deixa**” (*Chancelaria ...*, livro 12 fols 36-36v) (grifos nossos).

De acordo com o solicitante, o demônio

permanecia em seu corpo, colocando-o no Inferno, motivo pelo qual não conseguia realizar as suas obrigações.

Esse cavaleiro pede ao rei a aposentadoria de suas funções, o que é concedido pelo monarca. Segundo a Chancelaria, o rei:

“E uendo o que nos dizia e pedia e, querendolhe fazer graça e merçee, porquanto ffomo(s) certo por hũa enquereçom que per nosso mandado ffoy tirado ssobre **sua door** em a quall **se prouou elle sser assy adorado de demonjo como allegou.**” (grifos nossos). A citação mostra que o rei acreditou no argumento do cavaleiro e que o aceitou.

Dessa forma, Afonso V não contestou o pedido e, por acreditar na justificativa dada, concedeu a aposentação:

temos por bem poussentamollo e mandamos que daqji adeante ho nom constangaes nem mandees constrangeer nem uaa serujr nhũua guerra per maar nem per terra, nem uelle nem rollde nem uaa com pressos nem com djnheros nem sseia tetor nem curador de nhũas parsoas (Chancelaria, livro 12 fols 36-36v).

Podemos perceber por esse caso contido na Chancelaria de Afonso V a crença de que o cavaleiro estava doente, era colocado no fogo e sentia dor devido à ação demoníaca e por isso, por estar doente na sua alma e corpo, foi liberado das suas

funções pelo monarca.

Em seus escritos, o rei D. Duarte deu muita ênfase à necessidade de correção dos pecados. Em *O Leal Conselheiro*, discutiu entre os capítulos 10 e 33 os pecados capitais e outros. Para cada pecado são dedicados dois capítulos: Orgulho, que o rei denomina Soberba (10-11), Ira (16-17), Preguiça (26-27), Avareza (28-29), Luxúria (30-31) e Gula (32-33), com exceção da inveja, somente com um capítulo (Muniz, 2001, p. 276). Entre os capítulos 18 e 25, detalha os pecados, ligando a ira a seis paixões:

Ao pecado da Ira ligam-se seis paixões (ódio, tristeza, nojo, pesar, desprazer, aborrecimento e saudade), sobre as quais o rei se dispõe a aconselhar, definindo-as e expondo suas causas e formas de evitá-las. Considera, inspirado em S. João Cassiano, a tristeza como o mais grave dos pecados (Muniz, 2001, p. 277).

Lembramos que o próprio monarca na juventude foi acometido pela melancolia, associada por ele à tristeza e como podemos observar na citação considerada por ele como “o mais grave dos pecados”, motivo pelo qual buscou com sucesso, a cura, obtida ao cuidar da mãe doente e pelas orações do rei à Virgem.

Nos capítulos 34 a 60, discorre sobre as virtudes teologais e cardeais, com a seguinte sistematização: os capítulos 34 a 37 tratam da Fé;

38 a 42, da Esperança; 43 a 49, da Caridade; 50 a 59, da Prudência; e o 60, da Justiça, Temperança e Fortaleza” (Muniz, 2001, p. 279-280). No capítulo 53 da sua obra, D. Duarte afirma que todas as virtudes se desenvolvem em torno daquelas que são suas formas principais/cardeais: a Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança, e que o comandante militar de seu pai, Nuno Álvares Pereira, já conhecido então como o Santo Condestável, era portador de todas elas (Ventura, 2011, p. 263). Por esse motivo, acreditava-se que este havia sido vencedor de vários conflitos bélicos, auxiliando a consolidar o monarca D. João I no poder, sendo Nuno canonizado como São Nuno de Santa Maria em 2009.

Nessa época, estava consolidada a visão de Agostinho e outros padres de que a concepção do ser humano, por ocorrer através da relação sexual, “corrompe” a alma. Vários pensadores mencionam o *ençuyamento* da alma, daí a necessidade de um rígido controle sobre as pulsões do corpo (Mattoso, 2016).

A obra anônima portuguesa de fins do século XIV e início do XV, o *Orto do Esposo*, foi produzida por um monge cisterciense do mosteiro de Alcobaça, o qual procurava redigir um grande tratado sobre as coisas do mundo para o entendimento dos desígnios de Deus pelos cristãos (Pimentel, 2009, p. 7). Nesse manuscrito, o corpo é igualmente visto como transmissor do pecado:

“O homem não pode ser concebido sem pecado original e ‘sem feruor e porém a smente ençuya e se corrompe. E a alma quando é lançada no corpo, toma dali ençuyamento de peccado e de maldade e magoa de culpa’ ” (*Orto do Esposo*, apud Mattoso, 2016, p. 355).

Portanto, de acordo com a concepção eclesiástica que vemos nessa obra, Deus é o verdadeiro “boticário e unguentário” (OE, Livro 2, cap II) (Henriques, 2014), e para garantir a saúde da alma, é necessário dominar o inimigo que a colocava em risco, como as pulsões corporais e as tentações demoníacas. Por isso era importante, cuidar do corpo e afastá-lo dos pecados, graças as orientações dos religiosos para que a alma fosse preservada do fogo causado pelas faltas humanas.

Vejamos, a seguir, alguns elementos da importante narrativa visionária do Medievo, a *Visão de Túndalo* e depois a relação entre saúde do corpo e da alma nesta obra.

A OBRA *VISÃO DE TÚNDALO*: CIRCULAÇÃO E DIFUSÃO NO OCIDENTE

O século XV foi o apogeu da circulação e difusão da *Visio Tnugdali*, viagem imaginária ao Além, com muitas versões em línguas vernáculas, tendo sido traduzida para 15 idiomas⁵. Esta obra

foi produzida inicialmente no ambiente monástico pelo monge de origem irlandesa, Marcus⁶, que se encontrava então no sul da atual Alemanha, em Regensburg. Foi escrita no século XII, num período da Reforma Eclesiástica e de preocupação com o livre arbítrio.

A narrativa conta o percurso de um homem da nobreza, pecador, Túndalo, que devido às suas faltas, é acometido por um mal súbito, e, neste momento, cai desacordado (figura 2), não sendo enterrado devido a um pouco de calor no seu peito esquerdo. Neste estado de quase-morte, a alma sai do corpo. Logo a seguir, demônios que enchiam ruas e praças, tentam levá-la ao Inferno, mas são impedidos pelo seu anjo da guarda.

Assim se inicia a trajetória do cavaleiro no Além, primeiro para baixo, rumo aos espaços infernais e depois, para cima, em direção aos locais paradisíacos, na companhia de um anjo. O objetivo era que conhecesse esses lugares, experimentasse castigos no Inferno e alegrias no Paraíso, para que tivesse a chance depois de se arrepender dos seus pecados; e, no seu retorno ao mundo terreno, contasse a sua experiência a outras pessoas, as quais também seriam convertidas. Esses relatos eram considerados verídicos na época. Inclusive, numa das versões portuguesas o copista afirma:

Eu frei Marcus que isto escrevi, sou testemunha disso tudo. Porque eu vi com meus olhos o homem a quem isto aconteceu e que me contou tudo, assim como

ouvistes. E assim como ele contou a mim, assim o trabalhei eu de escrever o melhor que pude (Esteves Pereira, 1895, p. 120).

Como é possível depreender no códice 244 do Mosteiro de Alcobaça, Marcus se apresenta como testemunha ocular das experiências de Túndalo no Além, o que visa garantir veracidade ao relato. Há uma inter-relação entre oral e escrito, através dos índices de oralidade do texto (verbos como ouvir e contar) (Zumthor, 1993), além do monge afirmar que havia escrito para outras pessoas ouvirem a narrativa. Este elemento é importante de ser ressaltado porque em Portugal, por exemplo, a narrativa teve difusão entre os leigos possivelmente por meio dos sermões.

O período de composição da obra, século XII, é considerado o século de ouro das viagens ao Além, normalmente feitas por homens, acompanhados por um anjo ou santo e que iniciam o trajeto precedido por uma enfermidade. Daí a profunda ligação alma-corpo. Como a alma dos pecadores está doente, seu corpo também assim se comporta e eles vão ao Além em vida para depois voltar e mudar o seu comportamento, bem como, das demais pessoas que tivessem acesso ao relato, tornando-se bons cristãos e tendo a chance de atingir o Paraíso após o trespasse. A estrutura dos relatos é semelhante e pode acontecer com clérigos e leigos: Drythelm, Túndalo, Gottschalk, Thurkill, entre outros, são acometidos por uma doença (Oliveira,

2021; Zierer, Oliveira, 2022) e a seguir começam uma viagem ao outro mundo (Ledda, 2016)⁷.

A *Visio Thugdali* é a mais famosa das visões ao Além, sendo praticamente um *best-seller* (Cavagna, 2008), devido ao grande número de cópias conservadas tanto em latim, como em línguas vernáculas, na forma de manuscritos e incunábulo (primeiros livros impressos).

No período tradicionalmente chamado de “fim” da Idade Média, séculos XIV e XV, houve uma grande circulação da narrativa. A época é marcada por uma crise da Cristandade na Europa, em virtude de disputas no papado, com o Cisma do Ocidente (1378-1417)⁸.

Nesse momento, ocorreram problemas nas colheitas devido às fortes chuvas, acarretando escassez e aumento no preço dos alimentos (Wolf, 1988) e a eclosão da Peste Bubônica. A epidemia ceifou a vida de D. Filipa, esposa devota do primeiro monarca avisino, D. João I, como já mencionado, e também do sucessor deste monarca, D. Duarte, que governou por apenas cinco anos, entre 1433 e 1438, morrendo dessa enfermidade. A Peste foi vista por muitos como causada pela ira divina e por este motivo houve nesse período grande preocupação com a morte e o destino das almas no Além. Como uma das formas de religiosidade no período foram abertas novas confrarias e irmandades, além de haver aumentado o número de peregrinações.

Muitos viram a época em que viviam como a da aproximação dos quatro cavaleiros do Apocalipse (Ap 6, 1-8): a Morte, a Fome, a Guerra e a Peste. Os flagelos aparecem nesta ordem, da esquerda para direita numa xilogravura do alemão Dürer, *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse* (1498)⁹. Na época em questão, também foram muito difundidos relatos e esculturas sobre a chamada Dança Macabra, na qual um morto vinha buscar os vivos de qualquer categoria social, quando realizava uma última dança com estes (Huizinga 2003, p. 220-245). Além disso, havia a *Arte do Bem Morrer*, livros impressos com imagens, normalmente mostrando um moribundo e a luta dos anjos e demônios pela sua alma, como já mencionado (Ariès, 2003, p. 58-63; p. 110-113; Santos, Sonaglio, 2017; Souza, 2023).

Houve então um novo período de grande difusão da *Visio Tnugdali*, tanto em manuscritos quanto em incunábulo voltados para o público eclesiástico e laico. Em Portugal, a *Visio* foi traduzida do latim por monges do mosteiro de Alcobaça em dois códices, 244 e 266, voltada para os religiosos. Mas atingia também os leigos através dos sermões.

Na atual Espanha, também houve manuscritos da narrativa e versões impressas. No século XVI foi conservada em Toledo uma versão impressa, a *Visión de Don Túngano*, da qual discutiremos em outro tópico a imagem do fron-

tispício (figura 5). A *Visio* também circulou no século XV na Alemanha, Holanda, Inglaterra e também no início do século XVI (Palmer, 1982).

Uma versão importante da obra foi composta para a nobreza no século XV, intitulada *Les Visions du Chevalier Tondal* (As visões do Cavaleiro Tondal). Essa é a única versão do manuscrito totalmente iluminada da narrativa e foi encomendada pela duquesa Margaret de York. Possui vinte iluminuras, mostrando o percurso e a regeneração do cavaleiro pecador no Além.

Margaret de York, foi irmã dos reis da Inglaterra, os monarcas Eduardo IV (1461-1483) e Ricardo III (1483-1485)¹⁰. Casou-se com o duque de Carlos, o Temerário, numa aliança anglo-borgonhesa contra o rei da França, Luís XI. Margaret não foi feliz no casamento, pois, sendo a terceira esposa de Carlos, o Temerário, que já tinha uma filha legítima do primeiro matrimônio, não conseguiu dar a ele uma descendência masculina, principal propósito do marido. Ambos não tiveram filhos no enlace (Blockmans, 1992).

No período da chamada devoção privada e da *Devotio Moderna*, Margaret ouviu os sermões de Denis de Rickell sobre a *Visão de Túndalo* e encomendou a obra ao copista David Aubert, dono de uma oficina renomada e que possuía uma bela caligrafia. As iluminuras foram confeccionadas por Simon Marmion, conhecido já em seu tempo como o “príncipe dos iluminadores” (Pontfarcy, 2010, p.

XX).

A duquesa herdou o gosto pelos livros e tal como seu sogro Felipe, o Bom, se dedicou a patrociná-los. Eram obras lindamente decoradas e, algumas das quais, como a *Vision*, possuíam as iniciais C e M (Carlos e Margaret), ligadas com um laço de fita azul. Também continham o lema da duquesa *bien et auviegne* com as bordas florais nos manuscritos. O objetivo da duquesa é que a narrativa servisse como uma espécie de manual de comportamento para o seu esposo Carlos, que poderia, por meio desse livro, passar a se voltar mais às coisas espirituais que às materiais. Tal propósito não ocorreu porque Carlos, o Temerário morreu dois anos depois de composta a versão iluminada, em guerra contra Luís XI, em 1477.

Como *patronesse*, Margaret se preocupou em fornecer bolsas de estudos para órfãos e auxiliar instituições religiosas. Ressalte-se que assim como os monarcas e nobres portugueses mencionados, a duquesa também se preocupava com a saúde da alma e realizava uma série de atividades caritativas. Também fazia propaganda dessas ações muitas vezes sendo retratada nas iluminuras. Era adepta de Santa Colete, uma santa voltada a garantir a fertilidade feminina, patrona da concepção e das mulheres grávidas. Ela e seu marido Charles encomendaram *A Vida de Santa Colete*, doada ao convento das Pobres Clarissas, em Ghent, que ainda o conservam até a atualidade

(Kren, 2013, p. 29).

Esteve ligada à devoção pela Nossa Senhora dos Sete Sofrimentos e à confraria do rosário, buscando desenvolver a *renovatio* cristã por meio de atividades caritativas. Margaret, além de ser uma mulher devota, também usou a religiosidade como forma de fortalecer o ducado da Borgonha. Por isso, ela se fez representar em várias iluminuras realizando ações religiosas; por exemplo, realizando os Sete Atos de Misericórdia e também com a figura de Cristo aparecendo diante da duquesa ajoelhada em seu quarto, criando assim uma identificação entre Margaret e Maria Madalena ou a Virgem Maria, o que reforçava o seu papel de mulher devota (Zierer, 2023, p. 176-179).

A duquesa de York tinha uma forte ligação com ordens religiosas e foi uma generosa benfeitora ao longo de sua vida. Ela era conhecida por seu apoio financeiro e patrocínio a mosteiros e conventos. Fez doações significativas e concedeu benefícios materiais às ordens religiosas, contribuindo para a construção, manutenção e sustento dessas instituições. Entre as ordens religiosas que receberam o seu apoio estão os Frades Menores (franciscanos), os Cartuxos e as Clarissas (franciscanas). Apoiou a construção e a restauração de mosteiros e conventos, fornecendo recursos para a construção de igrejas, capelas, dormitórios e outros edifícios necessários para a vida religiosa.

Ela interagiu com os membros dessas comunidades, participando de serviços religiosos, visitando mosteiros e mantendo correspondência com monges e freiras. A duquesa Margaret também deixou instruções específicas em seu testamento para o bem-estar das ordens religiosas. Ela deixou legados para mosteiros e conventos, garantindo a continuidade de suas obras de caridade mesmo após sua morte.

A VISÃO DE TÚNDALO E A CURA DO CORPO E DA ALMA CRISTÃ

A narrativa latina, *Visio Tnugdali*, redigida no século XII pelo monge irlandês Marcus, nos conta que Túndalo era um cavaleiro pecador com pouca preocupação com a salvação da sua alma (*minus curabat de anime sue eterna salute*) (Wagner, 1989, p. 6-7), e por esse motivo também se descuidava do seu corpo.

O texto ressalta que ele era um pecador e que ao invés de se voltar para a Igreja e os pobres, realizando as ações cristãs indicadas pela instituição (ida a missas, confissões, penitências e a caridade), desprezava essas atividades, e ao contrário, tinha uma vida voltada aos chamados “prazeres mundanos”. É justamente por essa razão que, segundo o manuscrito da duquesa Margaret de York, ele iria conhecer os espaços do Inferno, Purgatório e Paraíso, como nos mostra o prólogo:

Aqui começa o livro de um cavaleiro e grande senhor da Irlanda, chamado Tondal. E este livro contém como a sua alma partiu de seu corpo e como ela **viu e sentiu os tormentos do Inferno e também as penas do Purgatório**. E depois o anjo lhe mostrou a glória e a nobreza do Paraíso, e **depois a alma retornou ao corpo. Isso lhe foi mostrado para discipliná-lo e afastá-lo de sua vida perversa**. O prólogo. (grifos nossos). *Les Visions du Chevalier Tondal* (1475, f. 7).

Percebemos aqui uma espécie de elogio de Túndalo, apresentado como “*grande cavaleiro e senhor*” (VT, f. 7). Nesse sentido, o texto de David Aubert procura valorizar os aspectos de Túndalo como nobre para aproximá-lo da figura do marido da duquesa, Carlos, o Temerário, que era um grande senhor feudal em sua época, rivalizando inclusive com o rei da França. Mas ao mesmo tempo, segundo o prólogo, o nobre “viu e sentiu os tormentos do Inferno e Purgatório”, indo depois ao Paraíso, tudo isso para “discipliná-lo e afastá-lo da vida perversa” (VT, f. 7), o que mostra que a viagem ao Além tinha o aspecto didático da correção dos pecados.

Sabemos que durante o percurso ao Além, o cavaleiro se arrepende de seus antigos pecados, também mencionados no manuscrito (luxúria, gula, inveja, roubo, entre outros) (Carozzi, 1994; Bas-

chet, 2014; Zierer, 2015; Oliveira, 2019; Messias, 2016), sobretudo em função dos tormentos aos quais é submetido nos espaços infernais. Desta forma, o castigo corporal aos pecadores, sofrido por Túndalo, incita-o a corrigir suas faltas mundanas.

A alma do cavaleiro, num primeiro momento, chega a questionar a misericórdia divina, mas o anjo lhe explica que Deus é misericordioso, porém exerce a justiça (Esteves Pereira, 1895, p. 107), isto é, cada um recebe da Providência Divina de acordo com os seus atos, o seu livre arbítrio. Assim, a alma passa por muitos castigos no Além. Devido às punições e aos ensinamentos recebidos (na forma de diálogo com o seu anjo-guia, o que reforça o aspecto da oralidade do texto), a alma se arrepende e, com isso, consegue ser perdoada e avançar com o ente celeste rumo aos Muros do Paraíso.

Na narrativa encomendada pela duquesa Margaret de York, vemos Túndalo durante um jantar, quando tinha ido cobrar a dívida de um amigo, que consistia em três cavalos. Tal fato é omitido nas duas versões portuguesas da narrativa e também das versões castelhanas, mas aparece no manuscrito de Marcus e também na versão redigida por David Aubert para a duquesa Margaret, entre outras¹¹. O amigo não tinha os recursos para quitar a dívida, e convida o cavaleiro para jantar.

Apesar de contrafeito, o Túndalo aceita,

mas no momento em que ia pegar a comida (*cibus*) (Wagner, 1989, p. 8), ou no momento em que estendeu o braço direito em direção ao prato para se servir (*Les Visions du Chevalier Tondal*, 1475, f. 7), se sente mal e cai no chão, momento no qual a sua alma, doente pelos pecados corporais, sai do corpo e inicia a jornada no Além-Túmulo. Ressalte-se que os demônios desejavam levá-la ao Inferno, devido às suas muitas faltas, mas o anjo da guarda aparece, banhado de luz (ver por exemplo, as figuras 3 e 4) e impede essa ação dos seres das trevas.

É importante explicar a relevância das imagens no Medievo, as quais tinham como função central *instruir*, *rememorar* (levando ao pensamento de coisas santas e conduzindo a alma a uma verdadeira meditação) e *comover* (pois permitem se elevar à adoração de Deus) (Baschet, 2008, p. 30). Além disso, podiam possibilitar aos seres humanos sair do visível e irem ao invisível (Schmitt, 2007, p. 366-368). No caso de Margaret de York e dos membros da sua corte, eram transportados para as cenas do manuscrito iluminado ao visualizá-las.

Vemos na figura 1 a mesa do jantar. Ao centro, Túndalo; o anfitrião, na cabeceira; sua esposa se encontra entre o marido e o cavaleiro; há outros convidados e alguns serventes de pé. O cavaleiro estica a mão para pegar a comida, que parece ser carne. Aqui percebemos que ele passa

mal porque a sua alma está doente, o que acaba por se refletir no seu corpo.

Figura 2 – Túndalo na mesa de jantar (Simon Marmion)



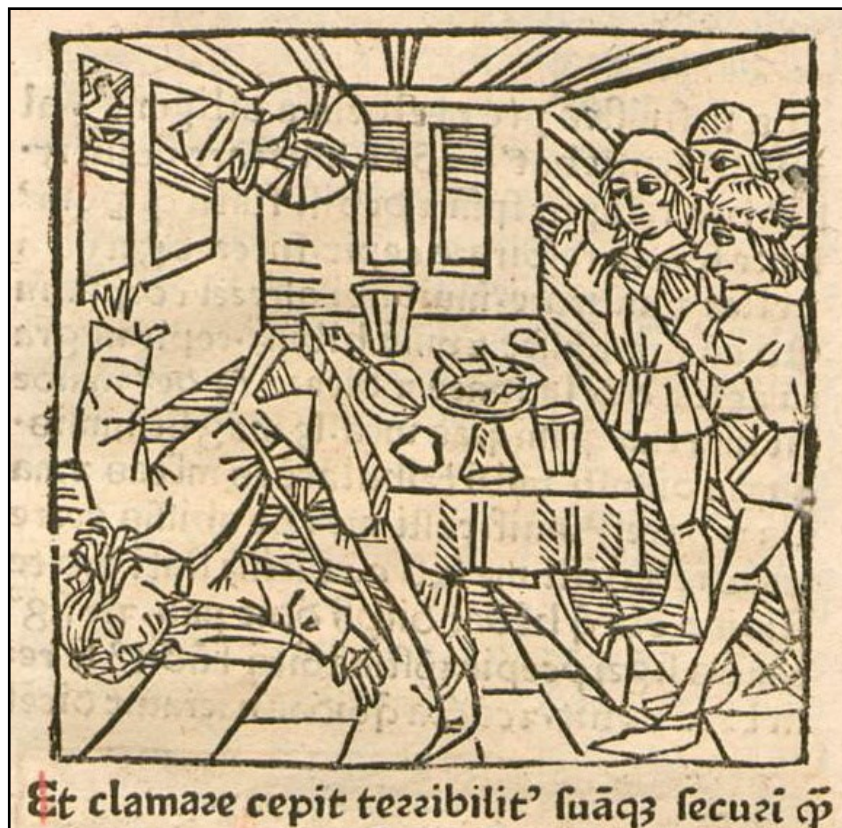
Fonte: *Les Visions du chevalier Tondal* (1475, f. 7)

Na Figura 2, Túndalo estende o seu braço para pegar a comida, conforme o texto, mas não consegue e cai (Figura 2). Na cena, o cavaleiro sente mal, e, de acordo com o manuscrito, pede para a mulher do anfitrião tomar conta de seu machado. Segundo o texto em latim redigido no século XII, no qual Davi Aubert se inspirou: “Tome conta do meu machado porque estou morrendo” (*custodi, inquires, meam securim, nam ego morior*) (Wagner, 1989, p. 8). Na cena de Marmion (Figura 1), este objeto está encostado na parede, atrás da anfitriã. Saliente-se que, já no período de composição da *Visio* por Marcus (século XII), a espada era considerada uma arma mais “nobre” que

o machado. Esse elemento pode enfatizar o aspecto do cavaleiro como um pecador (Busby, 2012; Zierer, 2019).

Numa outra representação do início do relato (Figura 3), de uma xilogravura proveniente de uma edição impressa do século XV, o destaque é para o momento quando o cavaleiro cai, na cena do jantar.

Figura 3 – Túndalo se sente mal durante o jantar



Fonte: *De raptu animae Tundali et eius visione* (1483, p. 9)

Mostrando que as imagens enriquecem o texto e que cada uma dá a sua própria interpretação da história, nesta cena não vemos a anfitriã, mas uma série de homens que observam Túndalo ao cair. Notemos que a mesa está posta, com uma toalha, e no centro há um prato com comida, que se assemelha a um pedaço de carne ou similar. Há outro prato com uma faca, para cortar o alimento, e copos. Outro destaque da cena é a mão divina, circundada por uma auréola e é quem, implicitamente, faz o cavaleiro passar mal e cair, devido aos seus pecados. Sobre os incunábulos da narrativa, que foram produzidos principalmente na Alemanha e Holanda nos séculos XV e

XVI, com ciclos de 20 xilogravuras, pode-se afirmar que a *Visão de Túndalo* teve ainda uma maior circulação nesse período.

Na *Vision de Tyndal*, versão da narrativa produzida no Languedoc no século XV, é mencionado que o cavaleiro não podia colocar o alimento ou a carne (*vianda*) em sua boca ([...] *non poc portar la vianda em sa boca*) (Jeanroy & Vignaux, 1903, p. 59). Na narrativa sobre Tundal contida no *Miroir historial*, do século XIV, tradução do *Speculum historiale*, de Vincent de Beauvais, é explicitamente mencionado que o alimento que o cavaleiro não consegue comer é carne: “[...] *et fu a la main qu’il avoit estudendue la viande*” (e foi a

mão que ele havia estendido para a carne) (Vignay, 2008, p. 66)

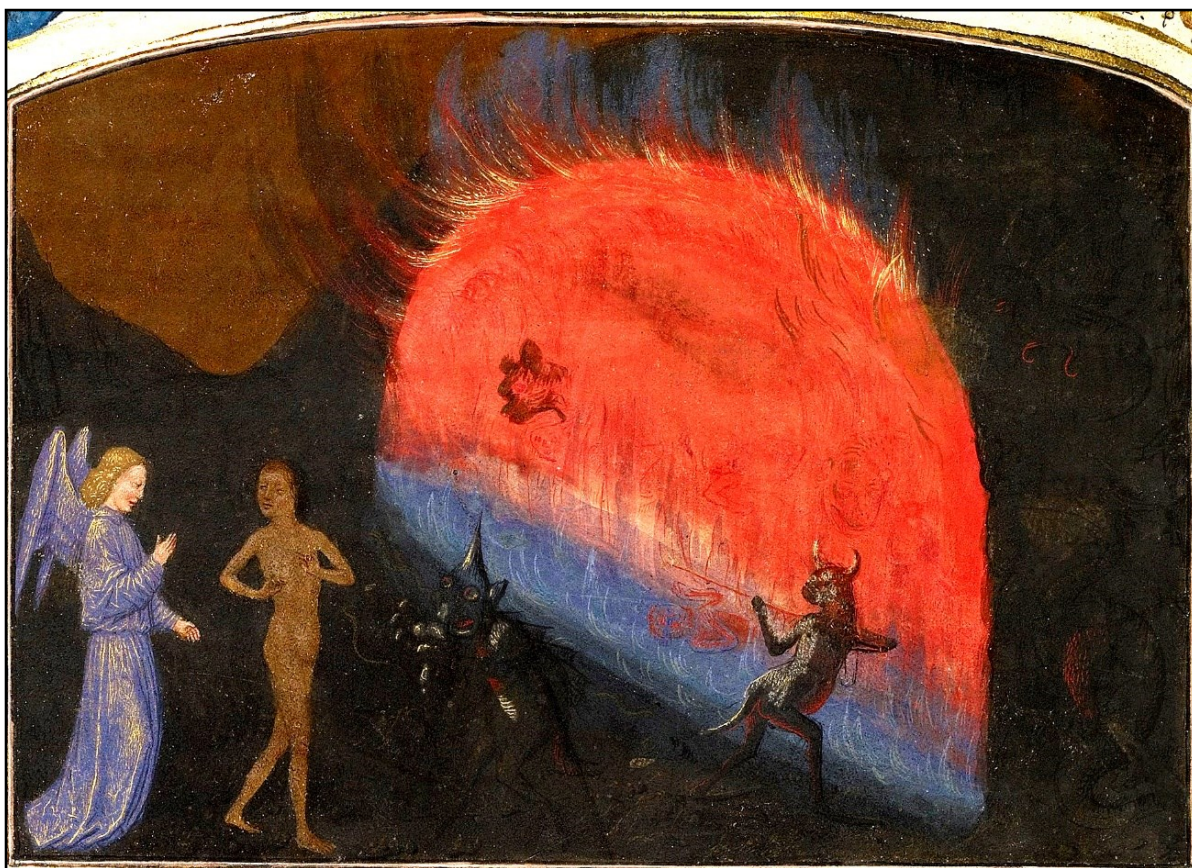
Também interessante de ser ressaltado, o fato de que devido a sua alma estar doente com muitos pecados, Deus impede que o cavaleiro continue exercendo o pecado da gula e ele passa mal no momento em que ia realizar a alimentação do corpo, para que pudesse começar a cuidar da sua alma.

Para muitos Medievos, a gula foi a causa do pecado original, pois Eva foi tentada pela serpente a comer do fruto proibido, visando obter o conhecimento. Após comê-lo, Adão e Eva perce-

beram que estavam nus, o que enfatiza a ligação com a sexualidade. A maior parte dos teólogos e filósofos medievais, com exceção de Pedro Abelardo e seus discípulos, defenderão que “ o pecado original é ligado ao pecado sexual, por intermédio da concupiscência” (Le Goff, Truong, 2006, p. 52).

A gula na *Visão de Túndalo* está explicitamente relacionada ao pecado da luxúria. Nesse sentido, há um pecado específico na obra, referente aos “glutões e fornicadores”. Sua punição era serem colocados num forno, chamado na narrativa de a Casa de Fristin (ou Fristino), como podemos observar a seguir (Figura 4):

Figura 4 – A Casa de Fristin, Punição dos Glutões e Fornicadores (Simon Marmion)



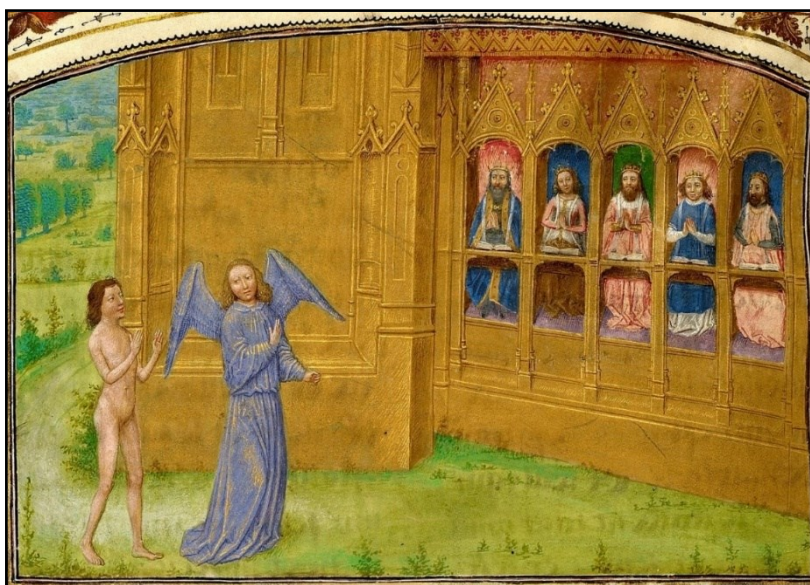
Fonte: *Les Visions du chevalier Tondal* (1475, f. 21 v)

Vemos na Figura 4, como em muitas outras do manuscrito da duquesa de York, Túndalo ao lado de seu anjo da guarda. Eles estão na imagem numa posição de diálogo. Realmente a narrativa é construída, tendo por base as várias perguntas que Túndalo faz ao ente celeste do porquê cada grupo de pessoas estar num determinado local. O anjo sempre explica, o que contribui para a compreensão da alma, bem como dos ouvintes e leitores do relato. Note-se que Túndalo está nu porque está em estado de provação e o anjo se encontra representado com um traje azul, cor suave e com tons dourados. Também percebemos na imagem a coloração vermelha, indicando o fogo que queima os pecadores e a cor negra de dois demônios animalizados, um dos quais com as garras ameaçadoramente próximas de Túndalo. O cavaleiro sofre essa e outras penas, devido ao fato de ser um pecador.

O pecado da luxúria, que vimos estar associado ao da gula, é bastante enfatizado no relato, sendo punido mais de uma vez. Além disso, o autor da obra buscou enfatizar o fato de os próprios membros da Igreja, de ambos os sexos terem cometido o pecado da luxúria e, por isso, são comidos por uma enorme besta, a Besta Pássaro. No seu interior, engravidam, homens e mulheres, os quais são expelidos pelo animal num lago; ali dão à luz a seres monstruosos que os mordem até os ossos.

Portanto, vemos que, seguindo a tradição medieval, para a cura do corpo é necessária, a cura da alma, o que ocorre com Túndalo quando se arrepende dos seus pecados e agradece a Deus pela experiência. Nesse momento, depois de irem até o Inferno, eles sobem, na direção do Paraíso e a alma pôde então desfrutar as delícias do Paraíso (Figura 5).

Figura 5 – Túndalo e o anjo no Muro de Ouro (Simon Marmion)



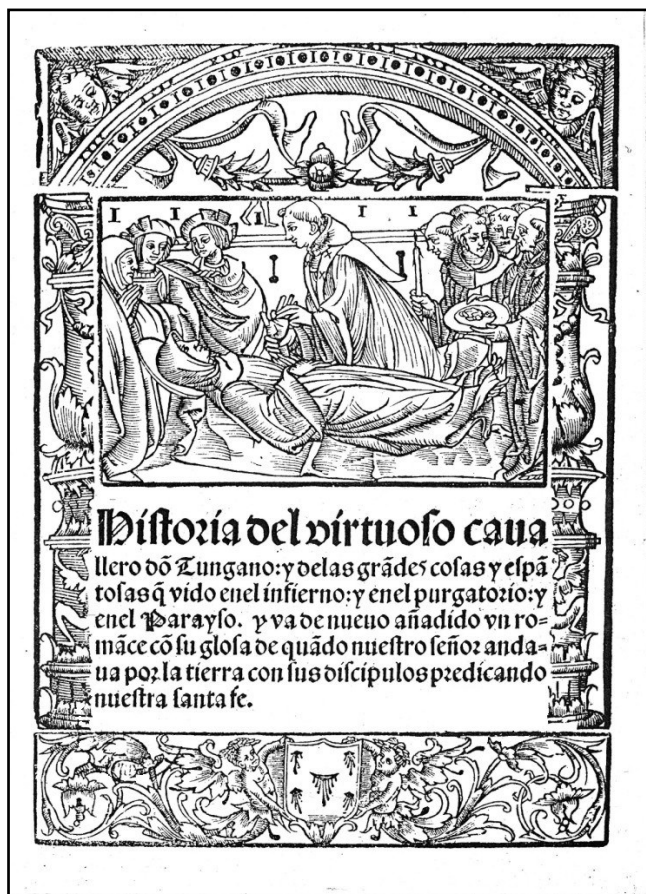
Fonte: *Les Visions du chevalier Tondal* (1475, f. 38v)

Na Figura 5 é possível perceber que o local possui aspectos edênicos, o que é expresso pela vegetação abundante. Além disso, o Paraíso Celeste é caracterizado por ser uma cidade murada. Na imagem, Túndalo se encontra ao lado de seu anjo da guarda em frente a um muro dourado. O Muro de Ouro na narrativa é destinado para aqueles que foram mártires em defesa da fé cristã. No interior do muro se encontram homens e mulheres, de ambos os sexos, com roupas de cores rosadas e azuis e coroas de ouro em suas cabeças, símbolo da eleição divina.

Depois de passar pelo Muro de Prata, local dos casados que foram caridosos e não cometeram adultério, pelo Muro de Ouro, reservado aos bons religiosos, e pelo Muro de Pedras Preciosas, local das sete ordens de anjos, virgens e alguns santos irlandeses, como S. Patrício e São Malaquias, Túndalo acorda de repente neste mundo.

Segundo o texto, “ele abriu os olhos” (lat. *aperuit oculos*) (Esteves Pereira, 1895, p. 101, Wagner, 1989, p. 55). É esse o momento mostrado na Figura 6.

Figura 6 – Imagem do Frontispício da *História Del Virtuoso Cavallero Don Túngano*



Fonte: *História Del Virtuoso Cavallero Don Túngano*.

Frontispício, 1526

Túndalo abre os olhos e se vê cercado de clérigos e leigos, os quais ficam muito felizes por ele haver recobrado a consciência. A imagem mostra o frontispício de um incunábulo impresso em Toledo no século XVI, intitulado *História del Virtuoso Caballero Don Túngano*.

A imagem remonta a dois momentos da narrativa: o primeiro, quando o protagonista, Túndalo, perde a consciência ao sentir um mal súbito. Nesse momento, ele se vê cercado de demônios

que enchiam ruas e praças e desejavam levá-lo ao Inferno, conforme já mencionado. Logo a seguir, a alma inicia uma jornada no Além-Túmulo, acompanhada por seu anjo da guarda. O início da narrativa nas versões ibéricas é justamente quando o cavaleiro se sente mal (não é mencionada a cena do jantar), tomba, o que é presenciado por testemunhas, como vemos na figura 5, Túndalo estirado no chão. Nessa jornada, ele toma conhecimento tanto dos locais infernais, sofrendo tormentos ali devido às suas faltas, quanto de algumas alegrias paradisíacas.

Além da imagem, há um texto inicial que sintetiza a narrativa. Em letras maiores: *Historia del Virtuoso Cava* [...] e depois continua a palavra 'cavaleiro'. E o restante do texto com letras menores: "História do Cavaleiro Don Túngano e das grandes coisas e espantosas que viu no Inferno e no Purgatório e no Paraíso" [...].

Um segundo momento da cena (Figura 5), e que provavelmente é o que a imagem busca explicitar, é o retorno involuntário de Túndalo a este mundo. Quando, após se arrepender de suas más ações, a sua alma desfrutava de alguns prazeres no lugar dos eleitos, o Paraíso, caracterizado pela felicidade e pelo bem-estar (cf. Delumeau, 2005), o cavaleiro acorda e pede para tomar o corpo de Cristo, isto é a hóstia.

Em oposição à Figura 2 na qual Túndalo, doente do corpo e da alma devido aos seus pe-

cados, queria se alimentar com a carne, agora, regenerado de suas faltas, ele anseia por se alimentar do manjar espiritual, a hóstia.

Ao retornar ao mundo terreno, conforme mostrado na Figura 5, o nosso protagonista pede para realizar duas atitudes cristãs: confessar as suas faltas, prática obrigatória estabelecida pela Igreja pelo menos uma vez por ano, desde o IV Concílio de Latrão (1215), e tomar o "corpo de Cristo", sacramento fundamental para garantir a salvação dos fiéis que não só se arrependessem, mas também cumprissem a devida penitência pelo seu pecado. Lê-se no texto: após "acordar", fez sinal para que "trouxessem o *Corpus Christi*" (Esteves Pereira, 1895, p. 101), isto é, a hóstia, como podemos observar na imagem, na qual um religioso estende a mão com um prato, no qual está esse sacramento. Vemos, com isso, a ênfase na Eucaristia como forma de purificação dos cristãos.

Além disso, outra atitude mostrando a cura da alma é que Túndalo se confessa. Logo depois, entrega os seus bens à Igreja e aos pobres e passa a usar a cruz de Cristo em suas roupas e a pregar, o que antes não sabia. Portanto, vemos que, com a cura da sua alma, Túndalo se transformou de pecador, com o corpo doente que o levou à morte aparente (ou ao estado de coma), para a cura da alma e o apego aos ideais do cristianismo, se tornando, a partir de então, um modelo de comportamento ideal.

CONCLUSÃO

Podemos perceber que no Medievo o corpo e a alma eram considerados instâncias interligadas. O elemento mais importante para a saúde do corpo no período eram as preocupações espirituais e só secundariamente as práticas seculares do tratamento dos doentes. Neste sentido, as doenças e, em especial, a peste foram vistas como provações e castigos divinos, como, por exemplo, por ocasião da Peste Bubônica.

Havia também a crença no *encuyamento*, poluição do corpo, sempre relacionado ao Pecado Original e a sexualidade, o que aparece por exemplo na crônica *História da Morte*, atribuída a Gabriele de Mussis e também na obra monástica *Orto do Esposo*.

Como maneira de buscar a salvação da alma, o cristão deveria procurar a Igreja, se confessar, fazer penitências e buscar seguir os mandamentos da instituição. Outro elemento importante era o exercício da caridade, pois por meio dela os ricos poderiam encontrar um lugar no Céu. Outra preocupação também era diminuir os pecados e até mesmo reis, como D. Duarte no *Leal Conselheiro*, espécie de manual de bom comportamento cristão, escreveu sobre isso. Neste sentido, visando a harmonia entre o corpo/ alma e a eliminação de doenças, vimos algumas pessoas com destaque na sociedade realizarem ações que visa-

vam a purificação da alma.

Um exemplo é o caso da rainha D. Filipa que passava os seus dias rezando as horas canônicas, jejuando e indo às missas, tendo um comportamento cristão exemplar. Seu filho, o rei D. Duarte também era bondoso e caridoso. Mesmo assim ambos foram acometidos pela Peste Bubônica, doença que na maior parte das vezes levava ao óbito e gerava muita insegurança, na medida em que foi vista em seu tempo como causada pelos pecados humanos.

D. Duarte antes da peste adoeceu de melancolia, chamada por ele de humor menencorico, causada por excesso de atividades governativas e que teria lhe causado uma imensa tristeza e falta de vontade de fazer coisas que antes gostava, como caçar e cavalgar. Ao invés de seguir conselhos médios para beber vinho aguado e se deitar com a esposa, preferiu então cuidar da mãe doente e rezar à Virgem, sempre na perspectiva medieval que o maior remédio para as doenças era garantido pela Providência Divina. Este monarca inclusive escreveu o *Leal Conselheiro*, indicando ações para afastar os súditos dos pecados, que ele enumera detalhadamente na obra. Também conta como se curou sozinho da sua enfermidade, com a ajuda de Deus, e considerava a tristeza como um pecado a ser combatido.

Nuno Álvares Pereira, condestável do primeiro monarca avisino, era, tal como D. Filipa,

considerado uma pessoa caridosa, sempre disposto a dar suprimentos aos pobres, além de rezar, mesmo antes das batalhas. Por fim outro exemplo que mencionamos foi a duquesa Margaret de York que encomendou a versão iluminada da *Visão de Túndalo*. Ajudava estudantes pobres, fazia doações a instituições religiosas, visando a sua manutenção, além de ter deixado bens a essas instituições após a morte. Percebemos nessas ações dos bons cristãos pertencentes aos altos extratos da sociedade (nobres e reis) a preocupação em seguir os mandamentos cristãos, o exercício da caridade e com o afastamento dos pecados.

Por meio da viagem imaginária *Visão de Túndalo*, é possível perceber também a interdependência entre a alma e o corpo. Embora fosse jovem e de boa linhagem, o protagonista se descuidava da saúde da alma, se dedicando a praticar os chamados pecados capitais (luxúria, gula, avareza, entre outros). Por este motivo, ele ficou doente, entrando numa espécie de estado de coma, quando iniciou o seu percurso ao Além, acompanhado do anjo da guarda.

O início da narrativa se caracteriza pela ligação do protagonista aos pecados da carne, motivo pelo qual por ordem divina, se sente mal durante um jantar quando ia consumir o alimento, associado às suas faltas mundanas. No Além-Túmulo sofre várias punições nos espaços infernais e depois se arrepende. Então, num segundo mo-

mento é conduzido por um curto espaço de tempo aos locais paradisíacos por seu anjo da guarda, onde pôde sentir a felicidade e harmonia daqueles que estão em companhia do Criador.

Quando está feliz ali, sente o peso do corpo e percebe que retornou a este mundo. A primeira coisa que pede, em oposição ao seu comportamento inicial, expresso pelo desejo em consumir comida, ligada ao mundo material e em analogia aos seus pecados, é para receber o corpo de Cristo e se confessar, mostrando que a partir de então havia se tornado um modelo de cristão ideal. Além disso, outra atitude que toma no retorno é da caridade, pois entrega os seus bens aos pobres e a Igreja e passa a fazer pregações, o que antes não sabia.

Ao final do processo de purgação dos pecados, dos ensinamentos do anjo e do arrependimento, Túndalo se regenerou, curando assim o corpo e a alma. Desta forma, poderia também garantir, por meio das ações prescritas pela Igreja, a salvação no Além.

REFERÊNCIAS

FONTES

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade (*Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*): tradução anotada, por Aline Montesine Fávoro; Tiago Augusto Nápoli; Ricardo da Cunha Lima. **Rónai. Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios.** Juiz de Fora, (UFJF), v.7, n. 2, p. 37-68, 2019.

A Visão de Thurkill. Tradução de Ricardo Boone Wotckoski. **Brathair**, v. 13, n. 2), 138-147 2013.

De raptu animae Tundali et eius visione (1483). **Veröffentlichungsangabe:** Johan Speyer e Konrad Hist). Munique, 1483.

História da doença, ou antes mortandade, que ocorreu no ano do Senhor de 1348, de Gabriele de' Mussis. Versão bilíngue. **MORUS – Utopia e Renascimento**, v.11, n. 2, p. 179-200, 2016.

CAVAGNA, Mattia. NÁPOLI, Tiago Augusto. A Visão de Drythelm entre história, teologia e hermenêutica. **RÓNAI. Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios.** Vol. 9, n. 2, 2021, p. 58-88. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/35819/23961> . Acesso em: 10 fev. 2022.

D. DUARTE. Leal Conselheiro. In: **Obras dos Príncipes de Avis.** Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão, 1981.

História del Virtuoso Cavallero Dõ Túngano. Toledo, 1526. Disponível em: <http://archive.is/20121230013227/slt.telam.com.ar/la-vision-de-tungano/c13> Acesso em : 02 abr. 2019.

La Vision de Tondale. Les versions françaises de Jean de Vignay, David Aubert, Regnaud de Queux. Editées par Matia Cavagna. Paris: Honoré Champion, 2008.

Les Visions du chevalier Tondal. Malibu, Los Angeles: Paul Getty Museum, 1475, Ms. 30.

MIQUEL Y PLANAS, R. **Llegendas de L'Altra Vida.** Barcelona: Biblioteca Catalana, 1914.

PONTFARCY, Yolande de. **L'au Delà au Moyen Age. Les Visions du Chevalier Tondal de David Aubert et sa Source la Visio Tundali, de Marcus.** Édition, Traduction et Commentaires. Berne: Peter Lang, 2010.

D. DUARTE. **Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte. Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta.** In: **Obras dos Príncipes de Avis.** Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1981, p. 235-442.

La Vision de Tondale. Les versions françaises de Jean de Vignay, David Aubert, Regnaud de Queux. Editées par Matia Cavagna. Paris: Honoré Champion, 2008.

Visions de Tindal et de Saint Paul. Textes languedociennes du XV siècle. (Publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Toulouse: E. Privat, 1903, p. 57-119.

Visão de Túndalo (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120 (Códice 244).

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52 (Códice 266).

WAGNER, Albrecht (ed.). *Visio Tnugdali.* In: **Visio Tnugdali: Lateinisch und Altdeutsch.** Germany: Georg Olms, 1989.

ESTUDOS

ARIÈS, Phillipe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BASCHET, Jérôme. **L'Iconographie Médiévale**. Paris: Gallimard, 2008.

BASCHET, Jérôme. **Les Justices de l'Au-Delà. Les Représentations de L'Enfer en France et Italie (Xlbi et XVe siècle)**. 2^{ème} Ed. Rome: École Française de Rome, 2014.

BASCHET, Jérôme. **Corpos e Almas. Uma História da Pessoa na Idade Média**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2019.

BLOCKMANS, Wim. The Devotion of a Lonely Duchess. In: KREN, Thomas (Ed.). **Margaret of York, Simon Marmion and the Visions of Tondal**. Malibu, California: The Paul Getty Museum, 1992, p. 29-46.

CAROZZI, Claude. **Le Voyage de l'Âme dans l'Au-Delà d'Après la Littérature Latine (V-XIII^{ème} Siècle)**. Paris: École Française de Rome, 1994.

CAVAGNA, Mattia. Introduction. In: **La Vision de Tondale. Les versions françaises de Jean de Vignay, David Aubert, Regnaud le Queux**. Éditées par Matia Cavagna. Paris: Honoré Champion, 2008, p. 7-63.

BASTOS, Maria do Rosário. Prescrições sobre o Culto dos Mortos nos séculos XIII a XVI. In: MATTOSO, José (Dir.). **O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular**. Lisboa: Sá da Costa, 1996, p. 109-124.

BASTOS, Mário Jorge. **O Poder nos Tempos da Peste (Portugal – séculos XIV/XVI)**. Niterói, RJ: EdUFF, 2009.

BUSBY, Keith. Text and Image in the Getty Tundale. In: WRIGHT, Monica; LACY, Norris; PICKENS, Rupert (ed.). **"Moult a sans et vallour": Studies in Medieval French Literature in Honor of William W. Kibler**. Amsterdam: Rodopi, 2012.

CAROZZI, Claude. **Le voyage de l'âme dans l'au-delà d'après la littérature latine (V^e-XIII^e iècle)**. Roma: Scuola Tipografica S. Pio X, 1994.

CAVAGNA, Mattia. "Introduction". **La Vision de Tondale**. Les versions françaises de Jean de Vignay, David Aubert, Regnaud de Queux. Éditées par Matia Cavagna. Paris: Honoré Champion, 2008, p. 7-18.

CHAS ÁGUIÓN, Antonio. De prodigia, geographia penitencial y elocutio en la *Historia del virtuoso caballero Don Túngano*. **Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo**, nº LXXXV, 2009, p. 17-34.

COMBY, Jean. **Para Ler a História da Igreja. Das origens ao século XV**. São Paulo: Loyola, 1996.

DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUARTE, Luís Miguel. **D. Duarte**. Réquiem por um rei Triste. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média, Nascimento do Ocidente**. 2^a Ed., São Paulo: Brasiliense, 2001.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. O Corpo Do Rei: Capítulos Sobre Saúde E doença Em D. Duarte (1433-1438). **Locus: Revista De História**, v. 22, n.1, p. 169-185, 2016.

Disponível em: <https://periodicos.ujf.br/index.php/locus/article/view/20818/22303>.

Acesso em: 10 mar. 2024.

GUREVITCH, Aron. **As Categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: Caminho, 1990.

HENRIQUES, Marisa das Neves. Os físicos e a medicina da alma no *Orto do Esposo*, **Medievalista [Online]**, v. 15, 2014, DOI: 10.4000/medievalista.275

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

KREN, Thomas (Ed.). **Margaret of York, Simon Marmion and the Visions of Tondal**. Malibu, California: The Paul Getty Museum, 1992.

KREN, Thomas. *La Vie de Sainte Catherine* illustrée par Simon Marmion. In: *L'Art de Enluminure*. Paris: Éditions Fatou/BNF, N° 45 - Juin/Juillet/Août 2013.

LEDDA, Giuseppe. A literatura visionária e a representação do Além. In: ECO, Umberto (org.). **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Introdução à Idade Média. 4. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2016.

LE GOFF, Jaques (Org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LE GOFF, Jacques. Os Limbos. **Signum**. Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais. São Paulo (USP), 2003, v. 5, p. 257-289.

LE GOFF, Jaques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. I. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, p.21-34.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. **A História pode ser dividida em pedaços?** São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

MACEDO, José Rivair. Sobre a Idade Média residual no Brasil. In: ID, **A Idade Média Portuguesa e o Brasil**. Reminiscências, Transformações, Ressignificações. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, p. 9-20.

MARQUES, A. H. de O. **Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença, 1987.

MARQUES, A. H de O. **A Sociedade Medieval Portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

MATTOSO, José. **História da Vida Privada em Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016, v. 1.

MATTOSO, José. **Poderes Invisíveis**. O Imaginário Medieval. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

MENDONÇA, Manuela. Os Regimentos de Procissões do *Corpus Christi* no Portugal Medieval. In: MACEDO, José Rivair (Org). **A Idade Média Portuguesa e o Brasil**. Reminiscências, Transformações, Ressignificações. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, p. 23-35.

MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, Educação e Salvação Cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV-XV)**. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

MOLLAT, Michel. **Os Pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Literatura Doutrinária na Corte de Avis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTEIRO, João Gouveia. **Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal e santo**. Os três rostos do Condestável. Lisboa: Presença/Manuscrito, 2017.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. Os Leais e Prudentes Conselhos de El-Rei D. Duarte. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Literatura Doutrinária na Corte de Avis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 245-305.

OLIVEIRA, Solange Pereira. **A Salvação como um Itinerário no Além Medieval**: a viagem imaginária da *Visão de Tundalo* (séculos XIV-XV). 283f. Tese de Doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.

OLIVEIRA, Solange Pereira. Doenças e Morte nas Narrativas do Além Medieval. **Brathair**, (2), 2021. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PALMER, Nigel. **Visio Tnugdali. The German and Dutch Translations and their Circulation in the Later Middle Ages**. Munich und Zurich: Artemis Verlag, 1982.

PALMER, Nigel F. Illustrated Printed Editions of the Visions of Tondal from the late fifteenth centuries and early sixteenth centuries. In: KREN, Thomas (Ed.). **Margaret of York, Simon Marmion and the Visions of Tondal**. Malibu, California: The Paul Getty Museum, 1992.

PIMENTEL, Atonio Marcos G. **O Monge, a Irmã e o Orto do Esposo**. Niterói, RJ, EdUFF, 2009.

PONTFARCY, Yolande de. **L'au Delà au Moyen Age. Les Visions du Chevalier Tondal de David Aubert et sa Source la Visio Tundali, de Marcus**. "Introduction". Berne: Peter Lang, 2010, p. XI-XLVII.

SANTOS, Dominique; SONAGLIO, Alisson. A *Ars Moriendi* e a Construção da "Boa Morte": práticas pela salvação da alma no século XV. **Brathair**, São Luís, (UEMA), v. 17. n. 1, p. 19-38, 2017.

SANTOS, Dulce O. Paixões da Alma, Melancolia e Medicina (séculos XIII-XV). In: MACEDO, José Riva-ir. **A Idade Média Portuguesa e o Brasil**. Reminiscências, Transformações, Ressignificações. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, p. 107-119.

SANTOS, Dulce O. O Corpo Cristianizado sob os Cuidados da Escolástica Médica (Século XIII). In: Susani L. França; Ana Carolina de Carvalho Viotti.

(Org.). **Cuidar do Espírito e do Corpo entre o Velho e os Novos Mundos (séculos XIII-XVIII)**. São Carlos: EdUFScar, 2019, p. 293-306.

SARAIVA, António José. **Crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 1988.

SCHMITT, Jean-Claude. Imagem. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. I. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, p. 591-605.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens**. São Paulo: EDUSC, 2007.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo, os Ritos, os Sonhos, o Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Paulo J. da. Do Príncipe Triste ao Rei Médico das Almas. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 696-706, dez.2007.

SILVA, Priscila A. **O Príncipe Perfeito e a Saúde do Reino. Medicina e Poder em Portugal no século XV**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

SOUZA, Patrícia Marques de. **Las imágenes de la buena muerte: Perspectivas históricas y culturales sobre el Arte de Bien Morir (siglo XV)**. Tese de Doutorado em História e Artes. Granada: Universidad de Granada, 2023.

TAVARES, Maria José P. F. **Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média**. Lisboa: Presença, 1989.

TEODORO, Leandro Alves. **Lições para um Homem Casado**. Portugal Séculos XIV-XVI. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

VENTURA, Margarida Garcez. **A Corte de D. Duarte – Política, Cultura, Afetos**. Aveleda, Vila do Conde: Verso da História, 2013.

VENTURA, Margarida Garcez. Uma Lâmpada de Prata e Muito Mais. Testemunhos de D. Duarte sobre a Santidade de Nuno Álvares Pereira. **Revista Portuguesa de História do Livro**, Lisboa, Ano XIV, Vol. 27, 2011, p. 243-271.

VILAR, Hermínia Vasconcelos. Rituais da Morte em Testamentos dos Séculos XIV e XV. In: MATTOSO, José. **Estudos da Idade Média Peninsular**. Lisboa: Sá da Costa, 1996.

WOLF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?** Lisboa: Edições 70, 1988.

WOTCKOSKI, Ricardo B. O Além e a Visão de Mundo: o inferno na *Visão de Thurkill*. **Brathair** (UEMA), v. 19, n. 2, p. 239-257, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2286>. Acesso em: 01 mar. 2024.

ZIERER, Adriana. Alimentando o Corpo e a Alma no Medieval: devoração e nutrição na *Visio Tnugdali*. **Acta Scientiarum. Education**, v. 41, p. 1-18, 2019.

ZIERER, Adriana; OLIVEIRA, Solange Pereira. As Doenças nas Visões do Além Medieval. In: RODRÍGUES, G. F. [et. al] (Org.). **Salud y enfermedad en la Edad Media**. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata. Centro de Estudios e Investigaciones de las Culturas Antigua e Medieval del Departamento de Humanidades de la Universidad Nacional del Sur y la Sociedad Española de Estudios Medievales, 2022, p. 47-82.

ZIERER, Adriana. A Religiosidade de Margaret de York e a obra *Les Visions du Chevalier Tondal* (1475). **Revista Signum**, v. 24, n. 2, p. 166-189, 2023.

ZIERER, Adriana. Paraíso e Inferno no Relato de um Monge Irlandês: a *Visão de Túndalo* (ou *Visión de Don Túngano*). In: Sainero, R.; Teomiro, I. Ivan (Orgs). **Estudios Transfronteirizos Celtas**. España-Portugal. Madrid: UNED Editorial, 2016, v.1, p. 118-136.

ZIERER, Adriana. A *Visão de Túndalo*: da danação à salvação numa viagem imaginária medieval. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (Org.). **O Imaginário do Além-Túmulo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. S. Bernardo do Campo, SP: Ed. Metodista-FAPESP, 2015, p. 163-205.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOTES

¹“Na vitória contra o humor menencorico o corpo trabalha ativamente. Assim, o monarca recomenda o desenfado, ou seja, os jogos, como o monte e a caça; o sono; o vinho aguado; o trabalho equilibrado; alguns jejuns e pílulas. A sua fé é, obviamente, a força agregadora desse trabalho. Para o rei, portanto, o afastamento da acídia passa pela virtude e pelo cuidado com o corpo” (Guimarães, 2016, p. 174).

²D. Filipa, a esposa de D. João I e mãe da primeira geração avisina (dentre os quais D. Duarte, o Infante D. Pedro e o Infante D. Henrique são os mais renomados), foi conhecida em sua época como uma mulher muito devota, que passava a maior parte do seu tempo rezando, lendo as Sagradas Escrituras, indo a missas e praticando o jejum.

³O Limbo das Crianças, espaço, onde segundo a tradição cristã a partir do século XIII, as crianças que não foram batizadas vão ficar sem sofrer, mas jamais poderão entrar no Paraíso dos eleitos, tendo a visão de Deus, encontrou muita resistência na cultura popular. Por este motivo, algumas táticas

foram adotadas pela população, e no início do século XV o cardeal Gerson afirmou que através das preces, poderia haver um milagre divino, que ressuscitaria a criança morta por um breve momento para que fosse batizada. Houve também muitos batismos de natimortos por leigos. Ver Le Goff (2003, p. 282-283).

⁴Nuno Álvares Pereira foi comandante militar de D. João I, que era de origem ilegítima, e o auxiliou a atingir o poder político. Venceu várias guerras travadas entre Portugal e Castela no fim do século XIV, como as batalhas de Trancoso, Valverde e principalmente, a Batalha de Aljubarrota. Ele sempre foi considerado um modelo de cavaleiro e bom cristão, acabando por ser canonizado em 2009. Ver (Monteiro, 2017, Ventura, 2011, Saraiva, 1988).

⁵e.g. alemão, francês, inglês, holandês, espanhol, italiano, islandês, gaélico, entre outras.

⁶Há poucas informações sobre o redator da obra. Sabemos que no momento da composição da obra se encontrava no sul da atual Alemanha, em Regensburg, tendo dedicado a *Visio* à abadessa Gisela, do convento de São Paulo, sendo ele, Marcus, do mosteiro de São Tiago. Outras informações apontam que Marcus era favorável à Reforma da Igreja, conhecida como Gregoriana ou Eclesiástica, apoiando ações que retirassem os antigos costumes célticos da igreja irlandesa e que o redator da obra era proveniente de Munster. Pontfarcy (2010, p. XXXIX-XLIII).

⁷Sobre as viagens de Túndalo, Gottschalk e Thurkill, consultar o livro de Nogueira (2015), que possui textos acerca desses personagens. Os percursos de Drythelm e Thurkill foram traduzidos respectivamente por Cavagna e Nápoli (2019) e Wotckoski (2013).

⁸Momento em que houve papas em Roma, Avignon e também em Pisa no mesmo momento, to-

dos os três buscando provar a sua legitimidade. Comby (1996, p. 174-176).

⁹A imagem mostra os quatro flagelos a cavalo, cavalgando sobre a humanidade. Acima deles sobrepõe um anjo. Cf: <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/19.73.209/> ; acesso em 08/07/2023.

¹⁰Ricardo III foi o último rei da Dinastia Plantageneta. Faleceu em 1485, na Batalha de Bosworth Field, a última batalha da Guerra das Duas Rosas.

¹¹A primeira cena da narrativa na qual o cavaleiro vai cobrar a dívida e depois passa mal na cena do jantar é normalmente citada nas versões que seguem o texto latino de Marcus e que depois foram colocadas em vernáculo. Um exemplo é a obra proveniente do Languedoc, *Vision de Tyndal*, redigida no século XV. Igualmente é o caso da versão da *Visão de Túndalo* no *Miroir Historial* (Vignay, 2008, p. 66), proveniente da tradução francesa da versão da *Visio* de Vincent de Beauvais. No caso das versões portuguesas, essa descrição é omitida porque são mais resumidas e não se encontrou até agora o manuscrito latino de onde são originárias.